

A Folkcomunicação presente no reggae de Edson Gomes¹

Cileide Batista de SANTANA²
Andréa Karinne Albuquerque MAIA³

RESUMO

Este artigo analisa a temática de algumas músicas do cantor baiano Edson Gomes, tendo como referência a Folkcomunicação, teoria que estuda os processos comunicacionais dos grupos marginalizados da sociedade. A teoria foi defendida pelo jornalista e professor Luiz Beltrão, no ano de 1967. Edson Gomes tem sido um dos ícones de maior sucesso no cenário musical brasileiro, com músicas que abordam o cotidiano das pessoas que vivem à margem da sociedade. Acredita-se que o material simbólico das letras das músicas é de grande relevância, uma vez que, reflete as questões político-sociais do grupo do qual o cantor está inserido. Nesse sentido, Edson Gomes surge como um agente que traduz as inquietações sociais, com marcas de resistência contra a cultura hegemônica. Pretende-se fazer um levantamento bibliográfico baseados nos conceitos de Beltrão (1980; 2014) e dos seguidores do teórico.

PALAVRAS-CHAVE: Edson Gomes; folkcomunicação; reggae

Introdução

A comunicação faz parte das relações humanas. Comunicar é um ato utilizado para expor ideias e pensamentos. Quando se quer atingir o maior número de pessoas é indispensável a utilização dos meios de comunicação de massa, por exemplo: a TV, a rádio, a revista, jornais e cinema. Nesse processo, as mensagens são emitidas pelo emissor, com o objetivo de levar informação e incitar a ação do público.

Essas mensagens são compostas por palavras que muitas vezes não fazem parte do repertório linguístico do povo. Uma vez que, cada meio exige uma forma diferente de apresentação dos conteúdos. Dessa maneira, a mensagem pode ser comprometida, pois as pessoas com baixa escolaridade não compreendem as informações apresentadas

¹ Trabalho apresentado no GT 2 (Morfologia da Folkcomunicação: gêneros e formatos) da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: cileide.batista.sds@gmail.com

³ Mestre em Comunicação e Culturas Midiáticas pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: andreakarinne@gmail.com.

nesses meios.

Isso não quer dizer que a comunicação do povo é inexistente. Pelo contrário, o povo busca rotas alternativas para comunicar-se, a partir de meios considerados informais e artesanais. Beltrão (1980) sugere a observação desses meios de comunicações e processos comunicacionais não convencionais em que circulam ideias, ideologias e memórias.

Dessa forma, propomos apresentar o contexto social das composições do cantor Edson Gomes, figura que pode ser denominada de *agente folkcomunicador*, pois ele tem uma grande influência no meio social em que vive. Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é observar o conteúdo simbólico que circulam nas músicas do cantor, tendo como base a teoria da folkcomunicação.

Assim, será apresentada uma descrição do gênero musical reggae. Esse gênero tem sido utilizado como suporte de luta e resistência. Edson Gomes retrata os contrastes sociais como instrumento de identidade do povo excluído. Ele conta a história de sobrevivência, como porta voz das injustiças sofridas pelos grupos. Por fim, serão apresentadas reflexões e críticas contidas nas músicas interpretadas pelo cantor ao longo dos trinta anos de carreira.

Folkcomunicação: o surgimento da teoria

A teoria surge no Brasil a partir do teórico pernambucano Luiz Beltrão. Depois de uma vasta experiência na função de jornalista e professor universitário, Beltrão apresenta sua tese de doutoramento na Universidade de Brasília – UNB, em 1967. Porém, o título de doutor só foi concedido anos depois, por causa da conjuntura política brasileira. O trabalho do pesquisador foi considerado subversivo, ficando a obra proibida de ser publicada por inteiro. Alguns pontos da tese estão reunidos no livro *Comunicação e Folclore* (1971), vale destacar, que nessa publicação houve a supressão dos fundamentos teóricos utilizados por Beltrão.

A versão integral do trabalho de Beltrão só foi divulgada em 2001, através da iniciativa do professor Antônio Hohlfeldt. Dessa forma, chega ao nosso conhecimento a tese com o título de *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de*

informação de fatos e expressão de ideias.

Beltrão define a teoria da Folkcomunicação como o “conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”. (BELTRÃO, 1980, p. 24)

O Brasil é caracterizado pela soma de diferentes culturas, com colaborações dos índios, africanos, europeus, brasileiros e personagens de diferentes localidades que contribuíram na formação do nosso povo. Essas relações foram marcadas por lutas e resistências.

Posteriormente, a globalização apresenta um desenvolvimento possível e parece haver a ideia de acomodação e igualdade das pessoas. Porém, a história é contada a partir das lutas de classes sociais, pois as desigualdades tornam-se cada vez mais evidentes. Esses contrastes colocam em destaque a elite, já o povo fica em segundo plano. A elite assemelha-se com os povos antigos da história da humanidade, por nutrir o desejo de superioridade. O imperialismo cultural divide a cultura em dois lados aparentemente opostos, a cultura da elite e a cultura do povo. As produções da elite são vistas como um modelo ideal, a ser seguido. A produção popular é vulgar, portanto, marginalizada.

Beltrão (1980) apresenta essa dicotomia e diz que a elite é organizada, tem acesso aos meios de comunicação de massa, seja na categoria de proprietário, patrocinador ou colaborador. Ao contrário, os grupos não-organizados, correspondem a massa urbana ou rural, de baixa renda que é excluída, “analfabeta e marginalizada”. (BELTRÃO, 1980, p. 2)

Para entender as mensagens que circulam nos meios de comunicação é necessária a escolarização. O povo por não ter acesso aos diversos instrumentos político-sociais, não compreende as mensagens contidas nos meios. A fim de manter viva a memória dos grupos, o povo desenvolve canais alternativos para propagar ideias, ideologias e informação. Dessa maneira, o povo por meio dos “catimbós” manifestam os costumes, hábitos, conhecimento e opiniões. (BELTRÃO, 2014, p. 66)

As formas de expressão do povo compreendem costumes e práticas dos ancestrais, logo temos a ideia do passado inserida nesse contexto. Porém, as mensagens

também acrescentam inquietações atuais, que estão voltadas para as agitações da cultura popular.

Melo (2008) realça a relevância contida na proposta de Beltrão, com o foco nos processos comunicacionais. Uma vez que, esses meios de expressões populares são tão carregados de significados, quanto os processos utilizados pelos meios de comunicação de massa.

De acordo com Beltrão (1980, p. 28):

A folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa.

Os meios de comunicação de massa apresentam um personagem denominado de líder de opinião vertical; no processo, ele é um mediador entre as mensagens e os receptores, por exemplos, os jornalistas. Porém, esses meios não exercem efeito direto nos grupos marginalizados, pois há a necessidade de um mediador que decodifique e reinterprete as mensagens da mídia. A teoria da folkcomunicação indica a presença de um líder de opinião ou *agente folk-comunicador*, que transforma o conteúdo recebido pelos meios numa informação compreensível ao grupo.

Vale destacar que esse agente folk-comunicador compartilha das mesmas condições sociais dos grupos marginalizados e exerce influência horizontal sobre eles. Esse mediador possui prestígio por causa da capacidade para lidar com as informações que circulam nos meios e a habilidade de reinterpretação das mensagens. Líderes comunitários, cantores, cantadores repentistas, líderes religiosos, artesãos, cantadores de viola, caixeiros-viajantes são algumas figuras representativas que influenciam e atuam na opinião das pessoas.

Os líderes de opinião exercem um papel fundamental na mediação das informações e opiniões emitidas pelos meios de comunicação de massa e os públicos receptores, reprocessando as mensagens e adequando-as aos padrões culturais dos públicos sobre os quais exercem uma influência pessoal, reforçando a rejeição ou facilitando a

sua percepção integral e aceitação. (BENJAMIN, 2000, p. 17 – 18)

Cada grupo vai recorrer aos meios artesanais de acordo com as próprias necessidades, para preservar ou propagar ideias. Os discursos produzidos nos grupos são direcionados principalmente para essas pessoas, portanto, as mensagens contêm elementos que fazem parte do cotidiano, tais como: palavras, atitudes e formas de expressão. Beltrão (1980) classifica os grupos marginalizados em rurais ou urbanos. Além de destacar os grupos culturalmente marginalizados, eles são caracterizados por causa do poder persuasivo das contestações e ideologias propagadas nas mensagens.

Rumores da luta

O povo utiliza diferentes suportes para compartilhar pensamentos e convicções. Contos, histórias, cantos, notícias, músicas e dança são algumas das manifestações que o povo recorre para o fortalecimento da tradição. Destacamos a música como uma das formas mais antigas de expressão popular e canal de comunicação. Além do entretenimento, a música pode servir como instrumento de denúncias e reivindicações sociais.

Nesse contexto, surge o reggae, um estilo musical com essência revolucionária. Os temas envolvem a justiça, a esperança, gritos de libertação e reclamações sobre as desigualdades sociais. Dessa forma, os regueiros fazem a reinterpretação do cotidiano vivenciado pelos grupos marginalizados.

O reggae surge na década de 1960, na Jamaica. O ritmo musical é reconhecido como símbolo de resistência do povo jamaicano. A antiga colônia britânica sofria com as pressões do capitalismo, onde a pobreza e o subdesenvolvimento minavam os sonhos. Azevedo (2015) descreve que o reggae está voltado para a crítica social e denuncia a fome, a desigualdade, preconceito e outros problemas que atingem a população local. Ora, o reggae também contém mensagens de amor e paz. O ritmo musical está relacionado à religião Rastafári. A filosofia une os ensinamentos bíblicos cristãos às crenças do reinado do imperador e mentor religioso, Haile Selassie I.

As raízes profundas da religião Rastafári remontam aos movimentos negros de oposição ao regime escravista, à dominação branca e à marginalização sofrida pelos negros na Jamaica e nos Estados Unidos, mesmo após a abolição e a independência. (NERY FILHO [et al.], 2012, p. 40)

As cores do reggae correspondem às cores da bandeira da Jamaica. Além disso, elas trazem significados que representam a história de luta desse povo. O vermelho simboliza a cor da igreja dos adeptos da cultura rasta e está relacionado a cor do sangue derramado dos antigos seguidores da crença rastafári. O preto corresponde a cor da pele dos africanos. O verde representa a vegetação da Etiópia. Por fim, a cor amarela está associado a abundância da terra.

O cantor Bob Marley é considerado um ícone no processo de divulgação da ideologia rastafári e do gênero musical reggae. Na música *Get up, stand up*, Marley faz um alerta a todos: “levante, resista, lute por seus direitos”.

Bob Marley cantou para as esperanças e aspirações dos oprimidos e para uma nova geração de jovens e revolucionários que buscavam filosofias alternativas para desafiar o *status quo*. Ele clamou pela liberdade pessoal e pela revolução. Suas canções atingiram as paradas musicais em todas as partes do mundo e vieram a ser associadas com as lutas pela independência política dos negros. (GOUCHER; WALTON, 2011. p. 237)

A música de Marley conta as histórias silenciadas por uma política opressora. As canções exploram o cotidiano, com discursos de cunho social e posicionamento político. Mesmo com a morte do cantor em 1981, o reggae permanece influenciando gerações.

A autenticidade política da música reggae forneceu um momento para a revolução e para a resistência além da Jamaica nos anos que se seguiram. Além do mais, ele virou um hino para o reconhecimento da diferença e do papel que está poderia desempenhar na solidariedade e na mudança. Como sugerido pela música de resistência de Bob Marley, as ideias e circunstâncias que inspiraram a mudança revolucionária no século XX foram encontradas tanto na experiência dos povos oprimidos ao redor do globo quanto nos exemplos históricos de outros movimentos de resistência. (GOUCHER; WALTON, 2011. p. 237)

Além de Bob Marley, o reggae revelou outros ícones da música internacional, tais como: Damian Marley, Dennis Brown, Jimmy Cliff, Alpha Blondy, etc. No cena musical do Brasil, o movimento revelou Adão Negro, Edson Gomes, Ponto de Equilíbrio, Cidade Negra, Tribo de Jah, Planta e Raiz, Filosofia Reggae, Chimarruts, Natiruts, e outros.

Edson Gomes, cotidiano e consciência

O ritmo de origem africana, o reggae, chega ao Brasil a partir da indústria fonográfica. O contexto histórico da Jamaica e do Brasil contribuiu para a divulgação e apropriação do gênero musical.

No solo brasileiro, um dos mais antigos e influentes personagem desse estilo é o cantor e compositor Edson Gomes, nascido no dia 3 de julho de 1955. Natural de Cachoeira, na Bahia, a música tem feito parte da vida dele desde a adolescência. Por um tempo, ele esteve dividido entre o trabalho na construção civil e a carreira artística. Mas a vocação e a habilidade com a música foram elementos definitivos para a escolha. O encontro com o reggae aconteceu na década de 80. A gravação do primeiro LP marca oficialmente a carreira do artista, em 1985. O cantor descobriu no gênero a oportunidade de apresentar questionamentos e mensagens de protesto.

De origem humilde, Edson Gomes faz um recorte do cotidiano, a partir da problemáticas dos moradores dos guetos, pobres e afrodescendentes. Pessoas que convivem com o racismo, a falta de oportunidades e a violência. Desse modo, as músicas expõem questões de etnia, criticam o sistema opressor e falam para o povo à margem da sociedade.

O revolucionário, porém, tem a consciência aguçada: surge ora defendendo uma situação social conquistada e em aperfeiçoamento e que a comunidade sente sob ameaça de retrocesso ou opressão, ora, inspirado por uma filosofia, buscando realizar uma reforma estrutural nas instituições sociais básicas. (BELTRÃO, 1980, p. 201)

O conteúdo das músicas desperta a fúria dos representantes do sistema, a consequência é a repressão policial ao cantor e a exclusão dos meios de comunicação tradicionais. Esses meios não colocam em evidência o conjunto de dificuldades sofridas pelo povo. Portanto, o reggae é caracterizado como instrumento de identidade da cultura desses grupos marginalizados.

Neste sentido, acredita-se que o cantor e compositor Edson Gomes é um porta-voz que questiona a ordem social e as condições de sobrevivência do povo. Além disso, ele é um sujeito-personagem, pois reinterpreta as temáticas e participa como cidadão consciente. Nesse sentido, o artista atua como um mediador popular no processo de comunicação de massa, uma vez que, recodifica a mensagem, visando o entendimento da audiência.

Essa conquista de liderança está intimamente ligada à credibilidade que merece no seu ambiente e à habilidade do agente comunicador de codificar a mensagem ao nível de entendimento dos seus receptores. Em função da estrutura social discriminatória mantida em nações como a nossa, a massa camponesa, as populações marginais urbanas e até mesmo extensas áreas proletárias se comunicam através de um vocabulário escasso e organizado dentro de grupos de significados funcionais próprios. (BELTRÃO, 2014, p. 61)

Edson Gomes revelou em entrevista⁴ concedida ao G1, que a realização individual acontece quando ele constata a conscientização coletiva através das suas canções. Os bens simbólicos produzidos nas músicas propagam os costumes, a fé, o estilo de vida, princípios e valores acerca do mundo.

Na canção *Acorde, levante, lute!*, do CD *Resgate Fatal* (2001), Edson Gomes traz:

(...) E tens o direito de ser livre
ninguém nesse mundo pode impedir
Porém não espere por esse direito
Acorde, Levante, Lute! (...)

⁴ **Edson Gomes entrevista da globo.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CPYY2w7NsN0>>. Acesso em 08 abr. 2017.

Está contida na música a ideia de transformação social, a partir da mudança de comportamento do povo. O discurso compreende ideias de revolução e luta, com a possibilidade de mudança a partir da ação coletiva. Dessa forma, apresenta a reflexão de que a liberdade existe e pode ser alcançada através dos direitos.

A música *Barrados* (2005), gravado no CD ao vivo em Salvador, o cantor evidencia as cenas de preconceito e marginalização social:

Ando meio cansado (não desisto)
Por várias vezes barrados no baile (ainda insisto)
Acredito em tudo aquilo que faço e
Persisto em tudo aquilo que faço
Acredito naquele que vem do espaço
Ainda ontem no condomínio que moro
Uma senhora quando me avistou
Apertou a bolsa ela escondeu sua bolsa
Apertou a bolsa a branca segurou logo a bolsa
São cenas da minha cidade uma doença da sociedade
Cenas da minha cidade uma doença talvez incurável e
Você aí como passa você aí o que acha e
Você aí como passa você aí o que acha disso (...)

É possível perceber as questões de oposição racial, a partir da utilização da palavra *branca*, onde podemos pressupor a relação de diferenças existentes entre as classes sociais, com a criação de estereótipos. Além disso, a palavra *barrados*, deixa posto a limitação dos espaços físicos e sociais, onde cada pessoa ocupa de acordo com as condições financeiras.

Edson Gomes critica a dinâmica do sistema social na música *Sistema do vampiro* (1988):

Esse sistema é um vampiro
Todo povo ficou aflito
Esse sistema é um vampiro
Ah ! O sistema é um vampiro
Eh! vive sugando todo povo
Vem cá, meu Deus, desça de novo
Ouça meu grito de socorro
Pai, escuta a voz desse teu povo
Que clama (...)
Estamos metidos nos buracos
Estamos jogados nas favelas da vida (...)

O cantor expressa a falta de oportunidade e exclusão do povo. A palavra *sistema* é comparada a palavra *vampiro*, que na cultura popular representa um ser folclórico, cujo alimento é o sangue humano. Numa linguagem figurada, o cantor presume que o sistema suga algo que é vital. Além disso, é possível verificar o apelo religioso, através um socorro para sanar os problemas dos grupos marginalizados.

A música *Camelô* (1997), retrata o cotidiano do trabalhador que sobrevive do trabalho informal, por não ter condições de ingressar no mercado de trabalho, pois não possui escolarização:

Sou camelô, sou do mercado informal
Com minha guia sou profissional
Sou bom rapaz, só não tenho tradição
Em contrapartida sou de boa família
Olha doutor, podemos rever a situação
Pare a polícia, ela não é a solução, não
Não sou ninguém, nem tenho pra quem apelar
Só tenho o meu bem que também não é ninguém
Quando a polícia cai em cima de mim
Até parece que sou fera
Quando a polícia cai em cima de mim
Até parece que sou fera
Até parece, até parece

O trabalho informal é associado à clandestinidade. As pessoas ocupam áreas proibidas, vendem produtos sem autorização e imposto. Dessa forma, elas são perseguidas pela polícia, que apreendem as mercadorias e agem na maioria das vezes sem respeitar aos direitos humanos.

Nesse sentido, verifica-se a habilidade do cantor de descrever as dificuldades do povo. Assim, ele pode ser considerado um agente folkcomunicacional, a partir do questionamento e problemáticas sociais simbolizadas nas letras das músicas. Observa-se que o gênero reggae é utilizado como suporte de informação, servindo como um meio informal de comunicação, onde a voz oprimida dos grupos marginalizados são reveladas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da Teoria da Folkcomunicação amplia o conhecimento dos procedimentos, agentes e meios que estão presentes no processo de comunicação do povo. Além de permitir uma reflexão acerca da relação existente entre a comunicação de massa e a comunicação popular. É importante destacar que o povo tem dificuldade de acesso aos meios de comunicação de massa e não compreendem as mensagens existentes nesses suportes tradicionais.

O encontro com a teoria possibilita a observação e o entendimento das complexidades dos grupos marginalizados rurais e urbanos, além dos grupos culturalmente marginalizados. Esses grupos utilizam meios de expressão diferentes dos meios de comunicação de massa, para expor ideias, pensamentos, convicções e tradição.

Revela-se também a importância de um mediador para transmitir as mensagens dos meios de comunicação de massa aos grupos marginalizados. Esse mediador é denominado de agente folkcomunicacional, que traduz e reinterpreta as mensagens para um nível compreensível. Dessa forma, o agente possui grande importância no processo de comunicação e nas tomadas de decisão dos grupos.

Fez-se necessária a apresentação do conceito do termo *Rastafári* e do gênero musical *reggae*, como uma forma de expressão que carrega informação e potencialidade quanto aos conteúdos. Baseados na teoria apresentada por Beltrão, identificamos a importância desse estilo musical para a propagação da cultura do povo. Uma vez que o reggae apresenta um conjunto simbólico dos grupos marginalizados.

Por essa razão, reconhece-se a competência do cantor e compositor Edson Gomes, como um agente folkcomunicacional, que ao longo dos trinta anos de carreira tem sido o porta-voz do povo. Edson Gomes é um dos mais antigos cantores brasileiros que utilizam a crítica como forma de expressar as mazelas sociais.

O repertório musical do artista apresenta elementos que fazem parte do cotidiano, além de resgatar a memória dos afrodescendentes. O cantor coloca à disposição um recorte social, atuando como cronista da realidade dos grupos marginalizados. Destaca-se a apropriação dos discursos da mídia e reinterpretação dos

fatos, através de uma linguagem compreendida pelas pessoas de baixa escolaridade e renda.

Enfim, vale a pena destacar a importância do contexto global, pois ele atua no contexto local, com novos significados. Quanto a análise das músicas, foi possível perceber a relação do contexto social e político brasileiro, levando em consideração atos de exclusão, opressão e silenciamento do povo. Um dos aspectos relevantes da pesquisa foi perceber o riqueza cultural exibida na expressão revolucionária do cantor.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Carlos. **O eterno verão do reggae**. São Paulo: Editora 34, 1997.

AZEVEDO, Leno José Bomfim de. **A história de um compositor**. Buqui, 2015. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=qUJfCgAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=a+hist%C3%B3ria+de+um+compositor&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=a%20hist%C3%B3ria%20de%20um%20compositor&f=false>. Acesso em: 07 abr. 2017.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

_____. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2000.

Entrevista com cantor Edson Gomes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kAk9AX6f8yM>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz (orgs). **Noções básicas de folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

GOUCHER, Candice; WALTON, Linda. **História Mundial: Jornadas do passado ao presente**. Porto Alegre: Penso, 2011.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Comunicação)



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

NERY FILHO, Antônio. [et al.] (Org.) **As drogas na contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais**. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7895/1/As_drogas_na_contemporaneidade_RI.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2017.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.